

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 4 • N.º 8 • OUTÚBRO 95

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *A Crise do Mundo da Vida no Universo Mediático Contemporâneo*

AMÂNDIO AUGUSTO COXITO - *Luís A. Vernei e J. Locke: Linguagem e Comunicação*

MARIA LUÍSA PORTOCARRERO F. SILVA - *Problemas da Hermenêutica Prática*

HANS-ULRICH HOCHÉ - *Universal Prescriptivism Revised; or: The Analyticity of the Golden Rule*

MARIA LUÍSA RIBEIRO FERREIRA - *A propósito da Formação de Professores - Notas para um Debate*

J. NEVES VICENTE - *Educação, Diálogo, Crítica e Libertação na Acção e no Pensamento de Paulo Freire*

RECENSÕES

PAREDES MARTÍN, M^a del C. (Ed.) - *Ortega Y Gasset. Pensamiento y Conciencia de Crisis*. Salamanca, Universidad de Salamanca, 1994, 188 p.

A obra apresenta-nos um conjunto de artigos concebidos desde perspectivas e interesses distintos, mas contudo confluentes, que procuram dar conta da forma como Ortega y Gasset se esforçou por superar as graves crises da sua época, as quais, em grande parte, ainda hoje nos afectam. Os diferentes modos de ver e as diferentes interpretações que aqui são feitas da obra orteguiana não impedem contudo que se encontre uma linha de continuidade entre os oito trabalhos. O tema da "crisis" surge mais ou menos explicitamente em todos os artigos como grande tema unificador, como aliás o título da colectânea deixa antever.

Ortega y Gasset tratou, de forma particular, este tema na obra "*En Torno a Galileo*" (O. C. V) sobretudo nas lições V, VI, VII e VIII, as quais foram inclusive publicadas em livro com título sugestivo: "*Esquema de las Crisis*" (1942). Podemos, no entanto defender que o tema é omnipresente na sua obra e estes estudos em análise confirmam isso mesmo.

O 1º estudo - "*La Acción Pensante del Espectador*" - de Mariano Alvarez Gómez aceita como legítima a estruturação e a divisão do pensamento de Ortega em períodos distintos mas recorda-nos, no entanto, o fundo de continuidade que atravessa toda a obra orteguiana e que esse aspecto é de alguma forma já anunciado no "*El Espectador*". (Cfr. 2º vol... das O. C. de Ortega, escritos situados entre 1916-1934). O que Ortega propõe ao longo do "*Espectador*" é acção pensante. E segundo A. Gómez a insistência orteguiana em pôr em primeiro plano a contemplação mais pura, que busca exclusivamente o ser das coisas, poderá fazer pensar que a acção propriamente dita fica em segundo plano. Convém recordar, contudo, que Ortega pretende destacar o carácter transformador que a contemplação tem em si mesma (21). A acção de pensar aprofunda a descoberta da verdade das coisas, liberta-nos de uma determinada forma de estar perante elas e possibilita-nos a sua transformação. Por isso deve ser então vista como válido contributo superador da "crisis" do pensamento e da atitude do homem perante o pensamento.

S. Álvarez Turienzo pretende, no 2º estudo - "*La Crisis de Ortega Y Gasset, Fenómeno Decadente o Renaciente? Análisis desde su Ética*" - mostrar que a ética ocupa uma posição privilegiada no pensamento de Ortega, embora o autor nunca tenha escrito qualquer tratado ético específico, apesar de declarar em diversas passagens tal propósito. O autor refere as diferentes periodizações / divisões que são comumente aceites pelos estudiosos de Ortega. Propõe no entanto uma leitura / divisão da obra orteguiana a partir dos temas éticos (39). Esta proposta de trabalho parece-nos particularmente interessante e merecia quanto a nós um aprofundamento por parte de eventuais estudiosos do pensamento de Ortega, até porque

o oriente do seu pensamento, desde cedo, parece apontar para uma vida que terá de ser mais vida, mais rica, mais alta, mais bela e nobre, o que em termos práticos se traduz na defesa de uma ética de magnanimidade que contrastava (e contrasta ainda hoje!) com um certo rigorismo e utilitarismo reinante.

Em "*Ortega y Husserl: Aproximaciones en el Ámbito de la Intersubjetividad*", M^a del Carmen Astigarraga pretende analisar o tema do outro e da intersubjetividade no pensamento dos dois autores, defendendo que quer Ortega quer Husserl "partem de um mundo intersubjetivo na quotidianidade constituinte do eu" (58), mas isso não significa que não tenham posições diferentes: uma, a do filósofo que se situa na reflexão fenomenológica transcendental (Husserl) e outra, a do filósofo que se situa na reflexão fenomenológica vital (Ortega). O estudo de Carmen Astigarraga recorda-nos que os caminhos de Ortega e de Husserl são caminhos cruzados: enquanto a fenomenologia husserliana incuba uma filosofia da vida, a filosofia da vida de Ortega vê-se necessitada de um método fenomenológico para chegar a uma análise existencial e estrutural do mundo da vida.

O artigo de L. Espinosa Rubio - "*Ortega Y Gasset: El Imperativo de la Reflexión Política*" - não pretende ser um estudo de carácter histórico ou qualquer juízo da conduta política de Ortega. Embora o vol. 11 das Obras Completas de Ortega reúna os "*Escritos Políticos*" (1^o ed. 1969), o interessante deste artigo de Espinosa Rubio é dar-nos conta de que o tema do "político" ocupou sempre no pensamento de Ortega um lugar de destaque e que inegavelmente podemos falar de uma *Razão Política* que se encontra diluída no pensamento do autor, mas à qual poderíamos conferir um estatuto próprio ao lado de outras (razão vital, razão vivente, razão histórica) e que seria a tradução fiel do compromisso do autor com o seu tempo e com a sua circunstância.

O 5^o estudo desta colectânea intitula-se "*Ortega y la Crisis de la Cultura*". É de autoria de M^a del Carmen Paredes Martín e defende que a interpretação orteguiana de cultura tem largas vantagens sobre a sua interpretação política. O mundo ocidental sofre essencialmente uma crise de ideias e a saída passa pelo encontro de novos valores, novos princípios de civilização e de cultura. Ortega partilha da ideia husserliana de crise de ciência. Isso contudo não significa que nos encontramos perante uma ciência moribunda, uma vez que isso seria entender apenas negativamente a crise. Ortega refere a crise da ciência e da cultura mas está convicto do seu rejuvenescimento e das possibilidades novas sempre em aberto.

No estudo seguinte Pablo Redondo Sánchez trata o tema "*El Nivel del Radicalismo de Ortega en 'La Idea de Principio en Leibniz'*". Trata-se de um estudo sobre o texto mais extenso de Ortega, uma das obras mais tardias (1947) e que é também considerado normalmente como um dos mais difíceis e densos. R. Sánchez centra-se sobretudo no § 29 (*O nível do nosso radicalismo*). Nesse § 29 aparece-nos um Ortega preocupado em clarificar o lugar que a sua filosofia ocupa assim como também o nível do seu radicalismo, querendo demarcar-se das duas tradições da filosofia contemporânea: a que parte de Husserl e a que parte de Heidegger. Se considerarmos "*El Tema de Nuestro Tiempo*" (O. C. vol. 3) ou "*La Idea de Principio en Leibniz*" podemos dizer que a crise aliada por Ortega e Husserl tem algo de comum. Ortega no entanto defende que a distância que o separa de Husserl é tão grande que não precisa de demarcação explícita. Sabemos no entanto que a relação entre os dois autores foi durante largos anos uma relação tensa. Mas em 1947, sem rodeios, Ortega explicita o problema que os separa: a distinta concepção que tinham das formas de consciência. Ortega considera a consciência executiva como fundamental e segundo Husserl essa consciência tinha de ser reduzida.

No que se refere à relação com Heidegger o autor do artigo destaca várias limitações e imprecisões que Ortega tem relativamente à obra do autor de "*Ser e Tempo*". Julga, e

quanto a nós bem, que tal facto de deve ao facto de Ortega desconhecer muitos textos de Heidegger. Defende também que a recente publicação de algumas obras de Heidegger do período de 1919-1923, podem abrir um campo de investigação interessante para repensar esta problemática relação Ortega -Heidegger (131).

J. L. Rodríguez Molinero assina o 7º estudo o qual se intitula “*La Concepción de la Antropología Filosófica como Saber Específico*”. Trata-se de um trabalho que começa por discutir a “paternidade” da Antropologia Filosófica como disciplina específica. A razão de ser desta discussão é simples. Max Scheler é comumente apontado o “fundador” da disciplina uma vez que é na sua célebre conferência de Darmstadt “*El Puesto del Hombre en el Cosmos*” (1927) que aparece explicitamente a expressão. Acontece que Ortega Y Gasset utiliza a mesma expressão em 1924 e 1925 respectivamente nos trabalhos “*Vitalidad, alma y espíritu*” e “*Para una psicología del hombre interesante*”. E Ortega vai mais longe, chegando a defender o seu carácter originário de elaborar uma antropologia filosófica como nova disciplina! Esta questão parece contudo ter uma explicação fácil. No prólogo do “*El Puesto...*” Scheler diz claramente que as suas preocupações neste campo remontam a 1922 e foram claras nas suas lições de Antropologia Filosófica dadas na Universidade de Colónia entre 1922 e 1928. Se considerarmos a admiração que Ortega tinha por M. Scheler e se considerarmos que ele próprio confessa dever à Alemanha (país onde se formou o seu espírito juvenil) 4/5 do seu saber intelectual, tudo se encaixa. Uma obra central, citada aliás por R. Molinero, que pode ser preciosa ajuda nesta problemática é a de N. Orringer (Cfr. *Ortega y sus Fuentes Germánicas*. Madrid, 1979). Nessa obra Orringer procura analisar o pensamento de Ortega em diálogo vivo com as suas fontes e considera que não estamos perante um vulgar plagiador ou perante superficial ecletismo, mas também não temos de considerar Ortega como exemplo de uma milagrosa liberdade frente a todo o fluxo! O 2º momento do trabalho de Molinero pretende clarificar o conteúdo da Antropologia Filosófica orteguiana, a qual pode ser vista sequencialmente como psicologia descritiva, tectónica da pessoa e caracteriologia, coincidindo com o que poderíamos chamar “uma psicologia da personalidade” (143). No que podemos considerar o 3º momento do artigo o autor explicita “as grandes capas ou estratos de personalidade” (vitalidade, alma propriamente dita, espírito).

O trabalho final é apresentado por Serafín - M. Tabernero del Rio e intitula-se “*Valores y Educación en Ortega*”. Consta de duas partes. Na primeira o autor procura expor como é que Ortega entende os valores e quais são as suas características; na segunda procura clarificar o papel que os valores desempenham na educação. Relativamente à primeira parte cremos que é dos temas orteguianos mais divulgados e neste particular a originalidade de Ortega não será assim tão relevante uma vez que, como sabemos, segue muito de perto a ética de M. Scheler. Quanto à segunda parte o objectivo do autor é dar-nos conta do modo orteguiano de entender a educação e porque é que ele defende que devem estar presentes 3 classes fundamentais de valores: vitais, intelectuais e morais.

A crítica que eventualmente se poderia fazer a este último estudo é já de algum modo pressuposta pelo autor uma vez que ele próprio reconhece que ficam de fora do seu estudo os valores estéticos, religiosos e os ecológicos. Mas como ele promete estudar tais valores numa próxima pesquisa... resta-nos estar atentos, esperar por ela. Manancial de investigação não lhe falta!

Esperamos que o prazer que a leitura desta obra nos deu possa ser sentido também por outros leitores. Estamos perante um rico conjunto de textos sobre Ortega, metodologicamente bem apresentados e que oferecem algumas pistas sedutoras.

J. Vieira Lourenço